

Ordem do Dia

Rubem Braga

A MANHA a cidade vai assistir a um desfile da 1.ª Divisão de Infantaria Expedicionária com todos os elementos que a compõem, inclusive a Artilharia. Tempos atrás, quando desfilou a Infantaria, fiz, nesta seção, um apelo no sentido de que fossem tomadas certas medidas para firmar a retaguarda moral, na base de uma união verdadeira de todos os brasileiros sinceramente anti-nazistas. Disse o que senti vendo passar, em suas fardas de campanha, aqueles moços que vão para a guerra. Não tenho de que me desdizer, e o contato que depois disso tive com a Força Expedicionária só fez com que se tornassem mais firmes as minhas convicções.

Mas não é aos homens do governo e sim aos homens do povo que desejo falar hoje. É ao homem da rua — e quero lhe falar sobre a sua alta responsabilidade neste momento. Sua responsabilidade em relação a Força Expedicionária.

Um Exército tem máquinas, hierarquias, fardamentos — mas um Exército é composto fundamentalmente de homens. Muita coisa é importante em um Exército — mas o que é realmente fundamental é o homem. As armas que nossos homens vão levar aos campos da Europa estarão certamente, na hora da partida, bem ajustadas, reguladas e lubrificadas, prontas a funcionar com o máximo de eficiência. Entre essas máquinas há peças extremamente delicadas, aparelhos de alta precisão que a técnica da guerra moderna exige. Mas nenhuma peça desses aparelhos é mais delicada e complexa do que o homem que a maneja. O soldado cuida de sua arma e a cuida com todo o desvelo porque a sua própria vida está na dependência de sua arma. Esse soldado é um filho do povo. Ele não vai atravessar os mares para lutar por titano nem por sicrano, por um governo ou uma organização, por um partido ou uma seita. Ele vai lutar pelo povo, contra o inimigo número 1 de todos os povos, contra o pior de todos, o mais cínico, o mais bárbaro, o mais miserável de todos os inimigos do povo: o nazismo. Acabo de ver um álbum de fotografias autênticas dos feitos dos invasores nazistas na Rússia. Vi pilhas de cadáveres decompostos amontoados em fossas. Vi cadáveres de crianças com um olho arrancado a baioneta; de moças estupraçadas e depois massacradas. Vi corpos de homens com enormes estrelas de cinco pontas rasgadas nas costas ou na cara. Vi paisanos enforcados, crianças com as mãos cortadas a serrate, velhos torturados longamente, em cujas faces a morte não pôs nenhum descanso, mas o rictus de uma dor bestial. Vi defuntos queimados, vi o quarto em que Tolstoi escreveu a "Guerra e Paz" transformado em barraca imunda, vi, jogados no chão, os cadernos de música de Tschaikovsky que não foram aproveitados, como outros, para acender o fogo. Por que fizeram isso os nazistas? Porque os russos não quiseram ser seus escravos, e os russos não são arianos, são uma "raça inferior". O que eles fizeram ali fizeram por toda parte; fariam no Brasil se aqui chegassem. Todos os brasileiros que eles puderam matar estão mortos no fundo do Atlântico.

É contra esses bárbaros imundos que nossos soldados vão lutar. E o soldado cuida de sua arma com todo o carinho. Quem cuida do soldado? Quem deve cuidar do soldado é o povo. O Governo, os oficiais, podem dar ao soldado o melhor tratamento do mundo; mas o soldado depende principalmente do povo. Eu posso fazer mil crônicas, os melhores jornalistas podem escrever grandes artigos, os maiores oradores podem pronunciar os mais eloquentes discursos. Não é nada disso que faz a força do soldado. O que faz a força do soldado é o apoio que ele sente do povo. É a maneira pela qual o olha e trata o homem da rua. Isso ele sente. Porque ele é um filho do povo e sente como o povo.

Quando você encontrar em qualquer lugar, na vida quotidiana, um soldado do Brasil, pense nisso. Aquele moço não usa aquela farda nem vai embarcar para discutir, nem para fazer bonito, nem por isso nem por aquilo. Aquele moço não é pobre nem rico, não é católico nem ateu, não é da esquerda nem da direita, nem do centro. Aquele moço é apenas um soldado, e tudo o que vai fazer é lutar. Ele vai lutar por você, vai lutar por nós todos. Ele não tem culpa de alguma coisa que você ache errada ou ruim, ele não é uma opinião, não é um cálculo, não é um argumento. É um moço que foi chamado para lutar, e vai lutar. Para que ele lute bem é preciso que seus superiores o tratem bem e o instruam bem e o compreendam e lhe façam justiça. É preciso que as autoridades tomem esta e aquela providência. Mas é preciso principalmente que "você" o apoie. Porque é de "você" que ele recebe a arma secreta de todo o bom guerreiro, é de "você" que ele recebe a verdadeira força. Ele é um filho do povo, e é o povo que faz o seu estado de alma. Não lhe faça perguntas, nem lhe dê boatos, nem o convide a discutir; dê-lhe apenas, da maneira mais simples, o seu apoio. Não é preciso mesmo nenhum gesto: ele é como você, homem da rua, ele sente o que você sente.

Você gosta muito de criticar. Faz bem, e está no seu direito. Eu acredito que é preciso criticar, e defendo contra todos os dogmas e "ukases" o direito da crítica. A crítica é a base de toda a ação eficiente. Você tem um dever para com o moço que vai para a guerra. Cumpra-o — e cumpra-o com todo o coração. Assim ele saberá cumprir o duro dever dele.

34